
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

O QUERÍGMA NA COMPREENSÃO DA TEOLOGIA LUCANA*

José Bartolomeu Felix de Lima**

Resumo

O objeto desta pesquisa, o querígma, tem a sua relevância por constituir o núcleo central do cristianismo e ter sido, por diferentes modos, trabalhado pela Teologia do Novo-Testamento, especialmente nos evangelhos e nos Atos dos Apóstolos que são composições que pertencem ao gênero literário histórico-querigmático. Nossa reflexão partirá da teologia do evangelista Lucas. Os textos que referenciam o enunciado querigmático da narrativa lucana serão trabalhados seguindo a metodologia da crítica histórica, que auxilia na descoberta da identificação do sentido literal da mensagem, contribuindo para uma autêntica compreensão e interpretação atual do objeto de estudo.

Palavras-chave: Jesus Cristo. Querigma. Teologia lucana. Evangelização.

Composição histórico-querigmática da narrativa lucana: Evangelho-Atos

Estamos pesquisando a partir de uma obra literária que consideramos significativa. Os aspectos vistos até o momento, instiga-nos o desejo de conhecer a identidade do autor. Por isso, antes de debruçarmos sobre a composição narrativa, trataremos de conhecer o perfil de Lucas. Porém, não se pretende aqui fazer uma biografia a respeito, mas considerar alguns traços que possam nos ajudar a conhecer o autor da obra lucana.

Ao se referir propriamente a forma do nome "Lucas", assim como está expressa nas narrativas do Novo Testamento, Fitzmyer assim se expressa:

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE. Grupo de Trabalho nº 10 Ética e Religiões.

** Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, com formação em Filosofia e Teologia pelo ITEC, colaborador no curso de Teologia da FAFICA. Atualmente desenvolvendo o tema de pesquisa "Referenciais do querígma lucano no documento de Puebla: compreensão de evangelização".

> O Texto grego do Novo Testamento chama invariavelmente o nosso autor Loukas, que é um diminutivo, a forma hipocorística grega, de um nome latino ou talvez de diversos nomes: Loukanos (Loucanus, em latim), Loukianos (Lucianus), Loukios ou Leukios (Lucius), Loukillios (Lucilius). Por outra parte, se tem comparado com as abreviaturas de outros nomes gregos que aparecem no Novo Testamento. Por exemplo, um dos companheiros de Paulo se chama Silas em At 15,40, porém em outros testos 1Ts 1,1 aparece como Siloanos (Silvanus em latim); temos também uma abreviatura do nome grego Epaphoditos Fl 2,25; o mesmo acontece com Antipas Ap2,13, que é um diminutivo do grego Antipatros Por conseguinte, parece certo que Loukas é uma abreviatura de um diminutivo nominal (FITZMYER, 1980, p. 83).[1]

Há vários nomes latinos que poderiam corresponder ao grego Loukas. Porém, a tradição legitimou o nome Lucas e atribuiu a este uma completa obra neotestamentária.

A George (1982) indica dois caminhos para esta finalidade. Primeiro, considerar o estudo da obra, pois a mesma contém dados sobre quem a escreveu. Mostra que o autor é um homem culto do mundo helenístico, um artista delicado, um historiador atento aos seus personagens, a Jesus principalmente, mas também aos apóstolos, sobretudo a Paulo. Além disso, ele é um crente, um discípulo que encontrou a salvação em Jesus e que só deseja segui-lo. O livro dos Atos dos Apóstolos nos oferece um dado de maior interesse, podemos averiguar que em At 16, 10-17; 20,5-15;21,1-18 as passagens relativas às missões de Paulo nas quais o narrador fala na

[1] El texto griego del Nuevo Testamento llama invariablemente a nuestro autor Loukas, que es un diminutivo, o forma hipocorística griega, de um nome atino o tal vez de diversos nombres; Loukanos (Lucanus, em latin), Loukianos (Lucilius), Por otra parte, se há comparado con las abreviaturas de otros nombres griegos que aparecen en el Nuevo Testamento. Por ejemplo, a uno de los compañeros de Pablo se la llama Silas em Hch 15,40, pero en otros textos 1 Tes aparece como Silouanos (Silvanus, en latín); tenemos tambíen uma abreviatura del nombre griego Epaphoditos Flp 2,25; y lo mismo passa com Antipas (Ap 2,13), que es um diminutivo del griego Antipatros. La abreviatura del nombre se há explicado como um fenómeno normal en griego. Por consiguierre, parece certo que Loukas es uma abreviatura o un diminutivo nominal.

primeira pessoa do plural "nós", releva que o autor participou de algumas viagens com o Apóstolo Paulo entre os anos 55 a 60 d.C. aproximadamente. O evangelho segundo Lucas é posterior a esta data, porém, não deve ter sido escrito depois dos anos 80 a 90 d.C. Esta questão, por razões teológicas são discutidas por vários autores. Mas o que se percebe é que o conjunto Lucas-Atos foi escrito por um mesmo autor.

O segundo ponto, proposto por A George, é analisar os vários testemunhos exteriores a estes livros que o atribuem a Lucas. É a esta pessoa que, um século mais tarde (cerca de 180), Ireneu atribui o terceiro Evangelho e Atos. O bispo de Lião pode ter trazido esses dados da Ásia, onde nasceu. Daí em diante, essa atribuição é constante e indiscutida, em Roma, pela mesma época (cânon de Muratori), no século III, na África romana (Tertuliano) e em Alexandria (Orígenes). No século IV, os primeiros historiadores da Igreja, Eusébio de Cesaréia, São Jerônimo, trazem alguns dados suplementares sobre as origens de Lucas em Antioquia e sobre o seu fim na Grécia. Estes dados tradicionais começam a aparecer justamente um século depois da redação do terceiro evangelho e dos Atos e são atestados bastantes cedo nas diversas Igrejas do mundo mediterrâneo e, pelo que parece, sem contestação. Concordam com os dados dos dois livros sobre seu autor, por tudo isso, é muito provável que Lucas seja o autor.

De acordo com Schind as notícias historicamente sobre a personalidade e a vida de Lucas são bastante escassas. O Apóstolo Paulo em suas cartas, indica Lucas como seu colaborador, como pode ser visto em Filemon. Em Col 4,14 Paulo envia saudações aos cristãos de Colosas da parte dele e de Lucas o médico. Outro fator desta citação é que na mesma Paulo cita todos os seus companheiros judeus e só Lucas era um cristão procedente dos gentios. Isto demonstra que Lucas é o único escritor não judeu entre os autores do Novo Testamento.

Fitzmyer (1980), deixa claro que a opinião dos estudiosos acerca da origem étnica de Lucas está muito distante de ser unânime. No geral, há duas linhas fundamentais, a primeira diz que Lucas era de origem pagão-cristã e a segunda que ele era de origem judeo-cristã. A primeira afirmação de que Lucas era de origem pagã, se baseia fundamentalmente em uma análise interna da narração evangélica lucana e do livro dos Atos dos Apóstolos.

> Eis alguns dados: seu estilo grego é de uma qualidade excelente; Lucas evita o uso de palavras de origem semita, com exceção do "amém", e omite as tradições relativas às controversas de Jesus com os fariseus sobre a interpretação da lei e sobre as normas de pureza e impureza ritual; transforma uma série de detalhes de colorido local palestinense em seus correlativos helenísticos. Estes elementos e outros muitos, mais que se poderiam aludir, são os que geralmente se alegam para identificar Lucas como pagãocristão, e depois convertido para a religião cristã" (FITZMYER, 1980, p. 81).

Alguns estudiosos têm apresentado outros textos para corroborar com este pensamento de que Lucas era um cristão convertido do paganismo. Em Cl 4, 11-14, interpretam o texto segundo este argumento, analisando a fala de Paulo ao mencionar os seus três colaboradores judeus cristãos, e nesta fala o nome de Lucas não aparece.

A segunda suposição a respeito das circunstâncias étnicas de Lucas, é que o mesmo é de origem judaica. Porém, a posição que prevalece entre os biblistas é a primeira.

Teologia de Lucas

Tendo apresentado a composição histórica querigmática da narrativa lucana, adentraremos na teologia de Lucas. Buscaremos demonstrar a gênese, as tensões e o desenvolvimento desta teologia, bem como, sua importância na teologia bíblica do Novo Testamento.

Encontramos com facilidade, vários manuais de teologia do Novo Testamento, trazendo em seu conteúdo uma síntese da teologia paulina e

conclui-se com uma síntese de interpretação teológica do evangelista João. Quase sempre se faz referencia aos sinóticos para dar razão dos possíveis elementos primitivos em Marcos e em "Q", incluindo às vezes um breve resumo da teologia das três narrações sinóticas de modo bem genérico. Em qualquer caso, o espaço que se dedica a teologia de Lucas é normalmente muito reduzido. Fitzmyer (1986) afirma que Lucas é englobado na massa amorfa de representantes de uma evolução tardia e está enquadrado no contexto de uma emergente auto-compreensão da Igreja, que prima pelo ministério e institucionalização, o desenvolvimento doutrinário, as consequências da demora da Parusia e comportamentos problema da existência cristã. Tudo o que é apresentado como teologia de Lucas, se reduz a alguns títulos convencionais, como nessas teologias de N. T. escritos por atiradores de elite, que não se importam em tudo para descobrir os seus vários níveis de contundência[2] .

Uma das principais razões que contribuiu com a escassez da síntese da teologia lucana é a atitude decididamente negativa que se tem adotado com respeito a Lucas em um amplo setor da investigação moderna. Esta atitude compreende a negação de todo o caráter teológico da obra lucana, bem como, a diferenciada apresentação teológica de H. Conzelmann. Muitos esforços foram feitos para tentar sanar este desequilíbrio e promover um acurado estudo sobre Lucas e sua teologia[3].

A exegese moderna tem mostrado interesse pela obra lucana, pois muitos são os comentários acerca desta obra que desenvolveu grandes debates e contribuições no pensamento bíblico. Fitzmyer (1980) apontou as primeiras pesquisas relevantes sobre a narrativa lucana que servem

[2] As causas que deram origem a esta interpretação da teologia do Novo Testamento são expostos na obra: G. Strecker, Das Problem der Theologie des Neuen Testaments (Darmstadt 1975).

[3] Dentre os esforços de superar a visão negativa a respeito da obra lucana podemos elencar: H. Flender, St. Luke: Theologian of Redemptive History (Filadelfia 1967); I.H. Marshall, Luke: Historian and Theologian (Exerter-Grand Rapids Mi. 1971) e E. Franklin, Christ the Lord: A Study in the Purpose and Theology of Luke-Acts (Filadelfia 1975).

como modelo para posteriores pesquisadores. O mesmo se reporta a quatro exegetas alemãs, o primeiro foi Martin Dibelius, com uma série de ensaios dedicados especialmente a um estudo crítico das formas literárias de Atos, que resultou numa obra intitulada Estudos dos Atos dos Apóstolos, publicada antes de 1950. Seguindo esta mesma linha de pesquisa, Hans Conzelmann publica em 1953 a obra Teologia de São Lucas fazendo uma análise exegética da teologia de lucas e em 1063 publica seus estudos sobre Os Atos dos Apóstolos. Adotando o mesmo sistema de Conzelman, Ernst Haenchen elabora um grandioso comentário crítico intitulado Os Atos dos Apóstolos. Por fim, anterior a estes, Philipp Vielhauer em 1950 publica um artigo de grande relevância.

A teologia de Lucas é um dos máximos expoentes, que apresenta ao homem de hoje a pessoa de Jesus para a salvação do ser humano. Por isso, esta teologia merece toda a nossa atenção e o mais sério esforço para apresentá-la de uma maneira global e coerente e mais ainda por tratar-se de sua exposição dentro de um comentário que, por sua natureza, é fundamentalmente analítico.

Dentre as teologias bíblicas do N.T., podemos situar a teologia lucana. A dimensão teológica da obra lucana consiste no fato do mesmo apresentar uma história da salvação. A preocupação, própria de Lucas, de distinguir as etapas da Salvação é chamada muitas vezes de "periodização" da história. Lucas faz uma teologia da história que tem suas raízes no passado, no tempo de Israel, recorda muitas vezes, a história dos antepassados de Jesus, fazendo menção ao caminho de Israel, que corresponde ao Antigo Testamento, visto como o tempo das promessas de Deus. Mas esse caminho continua e chega seu ápice em Jesus Cristo, no tempo presente, (a palavra "hoje" caracteriza esse tempo: "hoje se cumpriram a Escritura" Lc4,21) o tempo da realização das promessas que continuam na Igreja, pela ação do Espírito Santo e se consuma na Parusia, cuja realidade se reflete na parábola das minas (dinheiro) em Lc 19,23

As características que indicam uma reflexão teológica estão presentes no conjunto de sua obra Lucas – Atos.[4]

> Lucas é "historiador e também teólogo. A verdade que ele quer propor ao leitor não é simplesmente histórica, ou geográfica [...] sua intenção é mostrar que, por meio de fatos realmente acontecidos, o desígnio de Deus se realiza na história" (CASALEGNO, 2005,p.70).

Com base na construção literária da obra lucana, Fitzmyer (1986) apresenta diversos aspectos das características da teologia lucana. 1- começa apresentando o querígma como uma estrutura tipicamente lucana quanto à proclamação do próprio Jesus e ainda o modo dos discípulos anunciarem a salvação do acontecimento Cristo, presente nas duas partes de sua obra, Evangelho e Atos que têm em si mesma caráter proclamatório. 2- A disposição dos materiais usados por Lucas em sua narrativa, obedece a uma clara intencionalidade teológica. 3- Quanto ao aspecto geográfico da composição lucana, concentra a realização dos acontecimentos salvíficos em Jerusalém, lugar da proclamação do querígma. 4- A importância que Lucas dá à história, fundamentando o acontecimento Cristo na história da humanidade, não querendo com isso historicizar a salvação, mas apresentando a salvação na história inaugurando uma nova era para a humanidade. Assim sendo, os elementos históricos e geográficos, para Lucas, encerram uma perspectiva teológica que configura a visão universalista do próprio Lucas. 5- A cristologia de Lucas é o elemento principal de toda sua concepção teológica. Através dela, percebe-se a distinção das diversas fases de Jesus, a revisão dos títulos tradicionais, com sua criatividade que inventa novas denominações distintas e com ênfase

[4] A unidade das duas obras, já afirmada em 1679 por J. Lightfoot, foi claramente demonstrada por estudiosos da primeira metade do século XX e hoje em dia é admitida pela maioria dos exegetas, apoiados fundamentalmente na unidade da linguagem, estilo e teologia. As duas obras constituem um bloco de aproximadamente 37.778 palavras. O conjunto quantitativamente mais completo de todo o Novo Testamento costuma ser designado com a sigla Lc-At. O conjunto representa o empreendimento literário mais ambicioso do cristianismo primitivo, que pela primeira vez procurava autocompreender-se no marco da História da Salvação (CARMOSA; MONASTERIO, 2000, p. 267-268).

peculiar no aspecto soteriológico. 6- A importância na atividade do Espírito Santo como condutor da história salvífica. Este acento é praticamente único em todo o Novo Testamento. Faz-se notar especialmente a relação do Espírito Santo com o Jesus terrestre, com o Cristo ressuscitado e com os discípulos do Senhor. 7- A escatologia lucana, que se concentra no atraso da parusía com uma intencionalidade muito maior que nos demais evangelhos, é prova evidente de sua profunda preocupação teológica. 8- A imagem do discípulo que aceita pela fé a Palavra, com arrependimento sincero, que conduz à salvação; o batismo que faz o discípulo assumir as exigências da vida cristã no seguimento a Jesus Cristo, a missão e a comunhão com as demais igrejas cristãs espalhadas no âmbito oriental do Mediterrâneo. Tais aspectos associados à imagem do discípulo revela o profundo sentido teológico da apresentação lucana. 9- A descrição universal da pessoa de Jesus na primeira parte da obra lucana, tem em si mesmo uma inegável transcendência teológica. Dentre todos os elementos aqui enumerados, iremos aprofundar o primeiro elemento, que consideramos o objeto de nosso estudo, a dimensão querigmática da obra lucana.

A obra lucana nos chama a atenção pela sua maneira específica de relatar os acontecimentos sobre Jesus e a Igreja de maneira sistemática como podemos perceber a partir do prólogo do Evangelho segundo Lucas 1, 1-3 e do prólogo dos Atos dos Apóstolos 1, 1-2:

> Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme no-los transmitiram os que desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra, a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste (Lucas 1, 1-3).

Podemos falar que Lucas é conhecedor das várias tradições acerca de Jesus. Ao pesquisar sobre elas, e fazer uma leitura das várias fontes que

pode obter, formulou a sua teologia através da unidade de uma obra dividida em duas partes.

Outras características teológicas são observadas por Schmid (1968) por exemplo, quanto à personalidade de Jesus, a partir de Lc 1,53; 4,18; 6,20s; 14,12.; para Chmid, Lucas pretende em primeiro lugar fazer uma descrição de Jesus como o redentor dos aflitos e desprezados, dos pobres e pecadores e, é precisamente a estes que Jesus se revela em sua atuação messiânica. A partir de Lc 6,24; 12, 13-21; 14,33; 16, 9.11.19-31; 18,22, segundo a interpretação de Schmid, Lucas, como nenhum outro evangelista destaca a predileção pelos pobres e abandonados, admoestando quanto ao perigo das riquezas injustas, a compaixão com os necessitados, falando sobre as esmolas.

Em sua narrativa teológica, contrastando com a doutrina judaica, Lucas traz presente em primeiro plano o lugar da mulher. Apresenta Jesus em contato, diálogo e convivência com as mulheres, como pode ser conferido em Lc 7,11-17 com a viúva de Naim; em Lc 7, 36-50 com a pecadora arrependida; em Lc 8, 1-3 quando fala sobre as mulheres galileias que põem à disposição de Jesus seus bens e serviços e o acompanha em sua missão; Lc 10, 38-42 que trata da visita de Jesus às duas irmãs em Betânia; Lc 23, 27-32 quando narra as mulheres de Jerusalém indo ao encontro de Jesus no caminho do calvário; Lc 11, 27 quando narra a parábola das bem aventurança dirigida à mãe de Jesus por uma mulher do povo.

Outros temas importantes de sua teologia, embora já tendo sido contemplado por Fitzmyer, mas que Shmid também apresenta é o destaque que Lucas dá ao Espírito Santo em seus dois escritos. Lucas mostra a atuação do Espírito Santo através do cumprimento da profecia de Joel na vida de Jesus e na atuação missionária dos apóstolos Lc 3, 1; outro aspecto é sobre a oração, mostrando as vezes que Jesus orava e ensinou os seus

discípulos a orar, como pode ser conferido em Lc 11, 13; registra as impressões de admiração causadas em Jesus, por exemplo, Lc 4,15; 5, 25; 6,11. Outro elemento interessante é o discurso escatológico.

A perspectiva de Lucas é diferente dos demais evangelistas, o mesmo reelaborou destacando não a proximidade do fim, mas o caráter repentino da vinda de Jesus Lc 17,20s, sinalizando o grande motivo para apresentar o tema da vigilância Lc 21, 43), considerando necessário alertar os cristãos do seu tempo contra o perigo do relaxamento e da secularização Lc 21, 43, exortando a constância e perseverança.

Características da terminologia querigmática e seus correlatos na teologia lucana

Na introdução deste trabalho, já esclarecemos o significado do termo querigma, porém, buscamos aqui aprofundar e correlacionar com outros termos equivalentes que colaboram na compreensão deste capítulo. A palavra κηρυγμα ”proclamar”, deriva do substantivo κηρυξ , que de acordo com Ruiz, a primeira tradução teria sido “arauto”, “pregoeiro”. Na cultura grega o arauto é o proclamador, exercia seu serviço na corte proclamando as notícias. Entretanto, a característica da notícia por ele proclamada, consiste em que esta não provinha do arauto, mas da instância superior ao qual servia. O arauto não transmitia sua própria opinião, mas mostrava ser porta-voz do seu senhor. Segundo Ruiz (1999), na antiga Grécia, não havia distinção nítida entre política e religião, dessa forma, ao arauto politico que estava a serviço do governante, se atribuía importância religiosa. Por isso, de acordo com essa compreensão, quando um arauto vinha a um país estrangeiro, estava não apenas sob a proteção de seu povo que oferecia garantia por ele, caso viesse a sofrer algum atentado, como também, estava sob a tutela da divindade. E esta dimensão religiosa do arauto era tal que oferecia sacrifícios e rezava a oração.

Na tradução grega do Antigo Testamento, o termo κηρυξ aparece algumas vezes como em Gn 41, 43 "Ele o fez subir sobre o melhor carro que havia depois do seu, e gritava-se diante dele "Abrec". Assim ele foi preposto a toda a terra do Egito"; em Dn 3,4 "O arauto proclamava em alta voz: Povos, nações e línguas, eis a ordem que vos é dada"; e em Eclo 20,15 "Ele dá pouco e censura muito, abre a boca como leiloeiro".

Não obstante, no Novo Testamento κηρυξ reaparece, porém, perde a importância que tinha no mundo grego. Somente três vezes se apresenta o termo nos escritos neo-testamentários e, sempre em passagens relativamente tardias. (1 Tm 2, 7; 2 Tm 1, 11; 2 Pd 2, 5, 5). A medida que a raiz etimológica do termo, ou seja, o "arauto" vai perdendo forças nas narrativas neo-testamentárias, aos poucos, a própria comunidade primitiva vai formulando uma nova compreensão que desemboca numa nova terminologia. Certamente, a dificuldade de assimilar a compreensão grega do termo arauto, deve-se ao peso excessivo que a pre-história grega atribuiu. Na perspectiva do Novo Testamento, se acentua não sobre o que se anuncia ou proclama a palavra, já que o verdadeiro proclamador é Deus ou o próprio Jesus Cristo. O Novo Testamento não quer falar sobre pregadores humanos, mas sobre o anúncio em si mesmo. Pois a mensagem continua independentemente dos pregadores. Nesta perspectiva, um termo que mais corresponde ao Novo Testamento é κηρυσσειν indica propriamente "proclamar".

O verbo κηρυσσειν (proclamar), em Rm 10, 8-15, segundo Cerfaux (2012), define o regime cristão. A pregação ou proclamação é a obra essencial, situada entre o envio dos apóstolos e a salvação dos cristãos. A maior parte dos empregos deste verbo se reduz a este caso. O mesmo aparece no momento em que o Apóstolo define sua própria atividade como consta em 1 Ts 2, 9 "Ainda vos lembrais, meus irmãos, dos nossos trabalhos e fadigas. Trabalhamos de noite e de dia, para não sermos pesados a nenhum de vós. Foi assim que pregamos o Evangelho; o verbo também se

opõe a falsas concepções conforme 2 Cor 11,4 "com efeito, se vem alguém e vos proclama outro Jesus diferente daquele que vos proclamamos, ou se acolheis um espírito diverso do que recebestes ou um evangelho diverso daquele que abraçastes, vós o suportais de bom grado". E ainda, quando trata da atividade apostólica em geral, conforme Rm 10, 14.15: "Mas como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados?". O substantivo toma um sentido técnico correspondente. Designa não a mensagem tomada objetivamente, segundo o uso do termo aportuguesado "querigma", mas a proposição da mensagem, a ação de apresenta-la.

Rudolf Bultmann[5], um dos expoentes da teologia liberal alemã, analisando a partir da tradição sinótica a dimensão querigmática, identificou a mensagem central do cristianismo com o próprio mensageiro, o mensageiro com a mensagem, relacionando mensageiro e mensagem em um só conteúdo.

> Conforme mostra a tradição sinótica, a comunidade primitiva retomou a pregação de Jesus e continuou a anunciá-la. E na medida em que o fez, Jesus tornou-se para ela o mestre e profeta. Mas ele é mais: é ao mesmo tempo, o Messias; e assim ela passa a anunciar, e isto é o decisivo, simultaneamente a ele mesmo. Ele, antes o portador da mensagem, foi incluído na mensagem, é seu conteúdo essencial. O anunciador tornou-se o anunciado (BULTMANN, 2008, p. 74).

Sem entrar no mérito da questão de Bultmann[6] quanto à sua análise das narrativas do Novo Testamento, mediante a perspectiva da teologia

[5] Rudolf Bultmann (1884-1976) erudito teólogo protestante alemão, formado em Marburg, Tübingen e Berlim. Foi professor de N.T. em Marburg, tido como um dos teólogos protestantes mais influentes do séc XX. Trabalhou intensamente no N.T. fazendo uso da crítica histórica-literária, e tratou de compreender o cristianismo dentro de seu próprio contexto e como uma possibilidade de fé para o ser humano contemporâneo (GONZÁLEZ, 2008, p. 135).

[6] O Assunto do querígma nunca ficou longe das discussões críticas no decurso deste último meio-século. É a virtualmente axiomático entre Bultamann e os membros de sua escola que a Igreja primitiva estava profundamente interessada no Cristo do querígma, sem, porém, preocupar-se com o Jesus histórico. [...] Esta ideia estava vinculada a duas

dialética, julgamos ser valiosa a sua contribuição em analisar os termos gregos referentes à ação querigmática. Correlacionaremos estas contribuições com as análises também feitas por Ftzmyer e Cerfaux, quanto à compreensão dos termos.

Há um grupo muito importante de palavras do vocabulário paulino que definem a inter-relação entre os primeiros termos usados e a compreensão da Igreja Apostólica a respeito do anúncio ou proclamação querigmática. Dentre eles destacam-se ευαγγελιζομαι, ευαγγελιον, ευαγγελιζεσθαι. Bultmann (2008) faz uma acurada análise técnica dos termos que nos permite compreender as distinções e as correlações entre si, visando esclarecer a atividade da ação missionária apostólica. Em sua análise, o mesmo afirma que "como designação técnica da proclamação cristã surge em breve no cristianismo helenista, o substantivo το εναγγελιον (o evangelho), e para a atividade de proclamar, o verbo εναγγελιζεσθαι (evangelizar)"(BULTMANN, 2008, p. 133). O verbo pode ter como objeto tanto uma pessoa quanto uma coisa. Quanto ao sentido destas palavras εναγγελιον e εναγγελιζεσθαι é simplesmente "mensagem", "notícia", e "proclamar", "pregar". Bultmann, assim como Cerfaux, esclarece que o sentido etimológico que nós conhecemos como "boa notícia" ou "anunciar coisa boa", já se desgastou na tradição dos LXX, mesmo que apareça de modo ocasional. Quando se usa εναγγελιζεσθαι para enfatizar "boa notícia", acrescenta-se, como objeto o termo, αγαθα (coisas boas) ou algo semelhante como em Is 52,7, Rm 10,15. Dessa forma, εναγγελιζεσθαι pode ser usado onde de modo algum se trata de boa notícia

posições teológicas mais latas. De um lado, havia a convicção filosófica e dogmática de que o conhecimento de Deus fica num plano diferente do que o conhecimento de fatos, que, naturalmente, inclui os fatos históricos. Relacionava-se, do outro lado, com uma abordagem cética para com a crítica da forma que sustentava que a análise cuidadosa das formas literárias detectadas dentro dos escritos do N.T. demonstrava uma falta de interesse em questões históricas. Argumentava-se que os primeiros cristãos estavam tão absortos no pensamento do Cristo Ressurreto e da parusia que não se preocupavam com os detalhes biográficos acerca de Jesus. Este ultimo interesse desenvolveu-se mais tarde, com os cristãos da segunda e terceira gerações (BROUN, 1985, p. 748).

(Lc 3,18; At 14.15; Ap 10,7; 14.6). Outro desdobramento pode ser compreendido, por exemplo, em objetos que designam coisas que são agregadas a εναγγελιζεσθαι (ou como objetos genitivos a εναγγελιον mostram que se pressupõe somente o significado de "anunciar", como por exemplo: εναγγελιζεσθαι τον λογον (anunciar a palavra) ou τον λογον του κυριου ([a palavra do Senhor] em At 8.4; 15.35); e sobretudo εναγγελιζεσθαι το εναγγελιον (anunciar o evangelho) é usado como sinônimo perfeito de κηρυσσειν (proclamar), καταγγελλειν (anunciar), λαλειν (falar) ou διαμαρτυρεσθαι το εναγγελιον (testemunhar o evangelho), e analogicamente το εναγγελιον como sinônimo de το κηρυγμα (a proclamação) e ο λογοζ (a palavra).

Ainda nos é esclarecido por Bultmann que no sentido rigoroso, εναγγελιον ou εναγγελιζεσθαι, só é termo técnico quando usado em termos absolutos, isto é, sem indicação de um objeto para determinar a mensagem cristã determinada quanto a seu conteúdo.

O substantivo κηρυγμα não aparece mais que uma só vez e concretamente se referindo à pregação de Jesus conforme em Lc 11, 32, em paralelismo com Mt 12,41. Nestas duas passagens são os únicos casos em que se emprega este palavra em toda a tradição sinótica. Entretanto o verbo correlativo κηρυσσειν é um reflexo do vocabulário da LXX no qual o verbo denota geralmente uma proclamação profética ou de caráter cúltico sacerdotal conforme pode ser visto em Is 61,1; Zc 9,9; Jl 1, 14; Ex32,5. Seu significado é "proclamar", "pregar" e se refere invariavelmente a um acontecimento.

Na narração do evangelho de Lucas o verbo κηρυσσειν aparece 9 vezes e no livro dos Atos dos Apóstolos, aparece oito vezes. Podemos associar o empego desta palavra dentro da narrativa. No evangelho, em Lc 9,2, se refere à pregação dos Doze; a pregação dos discípulos Lc 12,3 e implicitamente em Lc 24,47 depois da cura do geraseno endemoniado. Por

quatro vezes se refere à pregação de Jesus Lc 4,18.19. 44; Lc 8,1. No livro dos Atos, o mesmo verbo é empregado para descrever a atividade dos discípulos do ressuscitado em geral conforme At 10, 42; as atividades de Filipe At 8,5; de Paulo At 9,20; 19,13; 20,25,28,31. Também se aplica na pregação de João Batista At 10,37 e nas atividades dos pregadores judeus At 15,21. O conteúdo desta pregação é Jesus; Jesus Cristo; o Messias conforme At 8,5;9,20;19,13; o Reino de Deus At 20,25; 28,31; se se trata de pregadores cristãos, percebemos que o vocabulário querigmático tem uma notável presença na narrativa lucana, muito mais que nos outros sinóticos.

Porém, em Lucas é muito frequente a substituição do verbo κηρυσσειν por uma série de sinônimos. De acordo com Fitzmyer, essa substituição corresponde apenas a uma variação de estilo. Os sinônimos mais frequentes que encontramos na narrativa lucana são: εναγγλιζεσθαι, διδασκειν, λαλειν ε κατσγγελλειν. Estas mesmas palavras são utilizadas nas narrativas paulinas. Certamente, Lucas tenha se identificado com elas. Uma das palavras favoritas de Lucas é εναγγελιζεσθαι que significa essencialmente "pregar". Não encontramos esta palavra no Evangelho de Marcos, apenas uma vez no evangelho de Mateus. Lucas utiliza esta palavra dez vezes em seu evangelho e quinze vezes nos Atos dos Apóstolos. Com referencia a pregação de Jesus, esta palavra aparece em sete ocasiões: Lc 4, 18.43; 7, 22; 8,1; 9,6; 16,16; 20,1. A mesma palavra tem vários complementos, como por exemplo, quando se refere ao reino em Lc 4, 43; 8,1.; a Jesus em At 5,42; 8,35; 11,20; 17,18; a palavra em At 8,4; 15,35. Este é o verbo mais usado por Lucas. Os demais, também usados por ele, podem ser identificados em sua obra. O verbo διδασκειν aparece dezessete vezes, podemos citar algumas passagens que contém o verbo, por exemplo, Lc4, 15.31;5,3.17;6,6;11,1. Assim com os demais verbos citados: λαλειν Lc 1,70;24,25; At 3,21.; κατσγγελλειν (anunciar, "proclamar) At 4,2;13,5.38;

15,36; 16,17. Esta questão semântica apenas demonstra a criatividade na narrativa lucana em apresentar o evento Jesus Cristo para os seus leitores.

Como percebemos ao longo deste capítulo, o querigma tem sido objeto de estudo de diversas correntes teológicas. Com o surgimento de novas correntes teológicas, na modernidade, tais como a Teologia Liberal e a Teologia dialética, as Sagradas Escrituras têm sido analisadas criticamente. Consequentemente, a obra lucana tem sido objeto de estudo dessas correntes que paradoxalmente tem apresentado uma tese negativa quanto a construção querigmática em Lucas. A suspeita que foi apresentada é que o evangelista Lucas, em sua obra, não foi fiel ao querigma primitivo. Por isso, é acusado de ter destruído ou deformado o querígma.

Dentre os representantes desta crítica moderna, está o teólogo alemão Rudolf Butmann,[7] representante da teologia dialética, afirmou que Lucas havia abandonado o primitivo sentido querigmatico da tradição sobre Jesus. Muitos corroboraram com esta afirmativa. Uma das razões que levou Butmann a propor essa interpretação, foi a ideia de que a concepção lucana havia transformado o cristianismo em um fenômeno histórico de alcance universal. Dessa maneira, o caráter querigmático do evangelho que está subordinado a uma teologia da história, ou seja, o conteúdo da mensagem sofre um processo de historificação e divisão em períodos que traz como consequência uma verdadeira deformação do querigma atual.

Para desconstruir tal argumento, Fitzmyer (1986) retoma o prólogo dos Atos dos Apóstolos e explica que nesta afirmação de At 4, 12, o autor dos Atos dos Apóstolos não descontruiu o verdadeiro querigma pelo fato deste texto está rodeado de outras considerações. O caráter pejorativo dessas teses que atribui a Lucas uma destruição ou pelo menos uma deformação do querigma não se deduz do próprio Novo Testamento, senão

[7] A obra de Bultmann que Fitzmyer aborda na qual está contida a critica sobre Lucas é Theologia II, p 116-117.

de uma determinada interpretação do querigma proveniente da filosofia existencialista e da teologia dialética.

A acusação de que Lucas tinha destruído o querígma tem implícita uma comparação com Paulo. Será inútil buscar na obra lucana um resumo do querígma como o que aparece em Rm 4, 24-25. A tese moderna não tem consideração com a devida atenção e autentica apresentação desse querígma nos escritos lucanos. A apresentação do querigma na obra lucana se dá em duas dimensões que não se contrapõe, mas se completam e se fundem, podendo ser compreendidas como o querigma como ato de proclamação e o querigma como conteúdo proclamado.

O querígma como ato de proclamação

O ato de proclamar é a primeira dimensão do querigma lucano que tem seu fundamento na própria missão de Jesus Cristo. Na narrativa do evangelho de Lucas, Jesus proclama a salvação escatológica como uma atuação de Deus, um acontecimento que indica a intervenção de Deus na história da humanidade.

Lucas adota de Marcos e de suas fontes próprias essa concepção da pessoa de Jesus como pregador e mestre. Na obra lucana, pregação e ensino de Jesus não são diferenciadas, tanto a pregação de Jesus quanto o seu ensinamento são simplesmente consideradas como proclamação. A variedade terminológica de Lucas não diminui o caráter de interpretação e de exigências comprometida que possuia os verbos correlatos em Marcos, mas intensificam essa realidade. Por outra parte, a realidade histórica do sujeito da proclamação, Jesus, no que se refere como a palavra escatológica de Deus que interpela o ser humano, na perspectiva de Lucas, não tem mais ênfase que em na narrativa de Marcos. Neste aspecto, ambas representações do querigma são substancialmente idênticas.

Lucas, difere do texto de Mc 1,15, e apresenta a atividade pública de Jesus, fundamentando sua perspectiva no Antigo Testamento a partir de Is 61,1-2. Esse texto ele correlaciona com sua narrativa em Lc 4,14-15, onde apresenta Jesus se identificando com a profecia de Isaias. Nesta correlação intertestamentária, está presente os elementos querigmáticos

Noutra passagem, em Lc 8,1, o evangelista apresenta Jesus aos povos e aldeias proclamando a boa notícia do povo de Deus. No contexto do evangelho, onde Jesus diz "hoje' se cumpriu esta parte da escritura, o desafio querigmático que Jesus lança, está vinculado ao "hoje" presente porque significa o começo de uma proclamação que é escatológica que se expressa em termos de libertação com respaldo na correção textual de Is 61 com Lc 4, 18-21, ou em termos do reino de Deus Lc 8,1. Com essa esquema, Lucas pretende demonstrar que a pessoa que proclama a mensagem querigmática, seja como libertação ou como reino de Deus é o próprio Jesus, o "ungido" que possui a plenitude do dom escatológico do Espírito Santo conforme Lc 5,18; Lc 3,22; 4, 1-18;At 10, 38. Dessa forma, o querigma não é um anúncio pacífico, mas algo que impele o ouvinte, ou seja, o querigma é essencialmente um desafio, uma exigência de compromisso existencial, mediante uma solicitação a tomar partido e a decidir-se existencialmente por essa realidade.

Nesta tarefa de anunciar o querigma, a participação dos discípulos, constitui na narrativa lucana um elemento fundamental. Lucas é o único evangelista que apresenta Jesus em sua tarefa de iniciar e treinar os discípulos para que propaguem e difundam a mensagem que ele mesmo proclama como podemos constatar em Lc 10,16. Neste texto, os discípulos são apresentados como portadores da palavra de seu mestre Jesus. Este, certamente, é um aspecto particular de Lucas. Enquanto no evangelho de Marcos 6,7.13.30 deu-se o envio dos discípulos a pregar, se encerrando em um horizonte limitado. Em Lucas, por sua vez, a perspectiva se abre a missão dos Doze que fora enviados expressamente a proclamar o reinado

de Deus conforme Lc 9, 1-6.10, em sua narrativa, Lucas faz também referencia a uma missão paralela dirigida desta vez aos setenta e dois discípulos Lc 10,1-16. . No final da narração do evangelho, Lc 24,47, Lucas, apresenta Jesus ressuscitado dando as ultimas instruções aos seus discípulos sobre a missão que devem desempenhar. Esta formulação é tipicamente lucana, na qual pode-se perceber bem a diferença entre Lc 24, 47 e Mt 28, 18-20. Porém, no livro dos Atos dos Apóstolos, 4, 10.12 podemos perceber a enfática atividade missionária dos apóstolos. Compreendemos que a pregação apostólica apresenta a formulação do querigma lucano.

De um modo mais específico, Lucas tem contribuído ativamente para o processo de internalização do querigma cristão. Fitzmyer (1986), fundamenta esta expressão, através da formulação querigmática "proclamação é um ato anunciado por Deus", considerando que este aspecto é um dos pontos centrais da composição lucana. Por uma parte o prólogo do evangelho afirma categoricamente que a narração versa sobre os atos que se tem cumprido no meio de nós Lc 1,1. Por outro lado, o prólogo do livro dos Atos sintetiza o conteúdo do primeiro volume como um relato do que Jesus fez e ensinou. Em sua narração evangélica, Lucas tem apresentado a pessoa de Jesus em sua atividade de proclamar e ensinar, e no livro dos Atos descreveu a proclamação do acontecimento Cristo, com a atividade apostólica centrada na pregação do significado salvífico da pessoa de Jesus, como nos diz Otto Betz:

> Lucas não escreveu uma "Antiguidade Cristã", mas o evangelho de Jesus Cristo. Isto revela o compromisso pessoal de Lucas que ultrapassa a atitude neutra de um historiador comum ou até mesmo de um apologista como Josefo. A Obra de Lucas é o testemunho de um crente que por todos os meios apresenta a proclamação do acontecimento Cristo e provoca uma resposta de fé. (BETZ, 1986, p. 132)[8]

[8] That Luke has not written the "Antiquities the Christians", but the Gospel of Jesus the Christ. This reveal a person commitment which surpasses by far that of an ordinary

Percebe-se, então, que a obra de Lucas é uma mensagem dirigida a Teófilo e a todos os que se encontram em situação de destinatário, pelo qual se proclama a grande atuação de Deus que realiza a salvação escatológica. Eis de fato no que consiste a obra de Lucas, essencialmente em uma proclamação do acontecimento Cristo e do Reino de Deus e que exige dos destinatários uma resposta de fé e de compromisso cristão tão radical quanto o Evangelho de Marcos e os escritos paulinos.

O querígma como conteúdo proclamado

De acordo com Fitzmyer (1986), o sentido temático do termo querigma na obra lucana significa um desdobramento do objeto da proclamação cristã. Nesta perspectiva, a apresentação querigmática tem duas facetas, por uma parte tem uma semelhança considerável com outras formulações dessa realidade, ou seja, com formulações querigmáticas das fontes pesquisadas por Lucas e nos outros escritos do Novo Testamento. Por outro lado, sublinha o caráter específico da compreensão lucana, centrada na mensagem de Jesus, no que proclama os discípulos e no que transmite o próprio autor. Oto Betz, em sua análise do querigma lucano, tem uma observação muito pertinente:

> O objeto da proclamação não é nem uma antropologia nem uma escatologia. A intenção do querigma não é formular uma autocompreensao do ser humano, nem descrever a realidade da Igreja como comunidade escatológica. O conteúdo autêntico da proclamação é a pessoa de Jesus. (BETZ, 1968,p132)[9]

Sendo Jesus o conteúdo autentico da proclamação, Lucas apresenta a mensagem proclamada por Jesus, através de diversos aspectos, tais como, a identificação do próprio Jesus com o conteúdo proclamado, o

historian, even of such an apologete as Josephus. Luke´s presentation of history has a kerygmatic ring; it is the witness of a believer which demands faith. (BETZ, 1968,p132).

[9] The firste article of Luke´s faith é neither anthropology as man´s self-undestanding nor the church as the eschatological community, but Jesus the Christ (BETZ, 1968,p132).

anúncio do Reino, a proclamação da salvação e a catequese do próprio Jesus ressuscitado.

O primeiro aspecto consiste na identificação de Jesus com o conteúdo de Is 61, 1-2. Antes de começar propriamente a pregar o Reino, em Lc 4,43, Jesus anuncia solenemente que Ele e sua Palavra são o cumprimento de uma realidade salvífica projetada no velho oráculo de Isaias. A pessoa e a pregação de Jesus inaugura o ano da graça do Senhor conforme Is 61, 1-2. O ano da graça se refere ao período em que Jesus dá início a sua atividade. A apresentação lucana reflete um primitivo significado do querigma em que o próprio mensageiro constitui e personaliza a mensagem.

Outro elemento é a pregação do Reino que no evangelho, Lucas, diferencia de Mateus, apresentando Jesus como o grande proclamador do Reino e não João Batista. Em Mateus 3,2 a pregação de Jesus tinha ressoado na voz do Batista. Em Lucas 4,43 o primeiro a proclamar o Reino é indiscutivelmente Jesus. Apesar que a redação lucana não faz a mínima referencia a este tema no primeiro sumário Lc 4,15, paralelo ao sumário de Mc 1,15. Esta omissão de Lucas é intencional, pois a pretensão é dar eco a auto-apresentação de Jesus no cumprimento ao oráculo de Isaias, nisto, o esquema de Lucas é mais importante que a pregação do Reino. Quando Jesus proclama pela primeira vez o Reino de Deus subtende a significação deste anúncio: "para isso que eu fui enviado" Lc 4, 43. Como nos diz Oto Betz (1968, p 133) "A nova era começa com a boa notícia proclamada por Jesus; o Reino de Deus chegou com o querígima[10]" E o arauto do reino é Jesus. Seu anúncio não é a instrução sobre a natureza do Reino ou do reinado de Deus, mas puro e verdadeiro acontecimento.

[10] The new age begins with the good News preached by Jesus; the Kingdom has with the kerygma (BETZ, 1968,p133).

Fitzmyer (1986) diz que a pregação do Reino é um elemento que Lucas adota da tradição. Neste aspecto Lucas é tributário de Marcos e da fonte "Q", como pode ser visto nas seguintes narrativas: Lc 8,10; 9,27; 13,19;18,16.17.24.25. Podemos perceber, algumas narrativas propriamente de Lucas sobre o Reino. Em um momento Lucas apresenta Jesus apresentando o reino como uma realidade iminente Lc 21, 31; 10,11. Ao mesmo tempo, proclama esse reino como algo já presente na pessoa de Jesus e em sua missão Lc 17,21. Destaca-se também, algumas atividades de Jesus que se cumpriram quando o reúno chegou: Lc 22,16.30. Nessas passagens tipicamente lucanas se observa uma polaridade diferenciada. Por uma parte se contempla o reino como uma dimensão presente, por outra, o reino está projetado para o futuro. Esta dupla perspectiva tem sua relevância para interpretar a concepção escatológica da obra de Lucas. Jesus apresenta com mais ênfase a realidade provocada pela pregação do Reino no texto de Lc 16,16.

Outro ponto digno de atenção que só Lucas menciona é as catequeses do Ressuscitado que durante quarenta dias instrui os seus discípulos sobre os mistérios de Deus em At 1.3.

Há outro elemento temático na proclamação de Jesus, como nos apresenta o evangelho de Lucas, que não pode passar despercebido. Além de sua auto-apresentação como o personagem no qual se cumpre a promessa da libertação anunciada em Is 61,1-2 e de sua pregação do reino, Jesus proclama explicitamente a salvação. Tal palavra aparece apenas uma vez, quando em seu encontro com Zaquel em Lc 19,9.

Tendo apresentado os aspectos gerais, passaremos a um considerável fator, trata-se do querigma enquanto conteúdo proclamado na mensagem dos discípulos. O querigma lucano pode ser considerado nesta perspectiva fixando-se na mensagem proclamada pelos discípulos tanto na narrativa evangélica como nos Atos dos Apóstolos. Podemos disntinguir vários

aspectos, tais como, a pregação do reino, a proclamação da palavra de Deus e o testemunho que os discípulos deram sobre a pessoa de Jesus em sua condição de enviados para levar a mensagem até o fim do mundo.

Nos atos dos Apóstolos, no que se refere a pregação do reino,o tema mais frequente é a proclamação dos discípulos como palavra de Deus que se apresenta as vezes como a Palavra do Senhor ou simplesmente a Palavra. Lucas concentra nessa expressão toda sua síntese da mensagem do cristianismo. (At 4,4; At 29.31; At 6,2.4; At 8, 4.14.25; At10,36.37.44; At 11,1.19; At13,5.7.44.46.48; At 15,35-36; At 16,6.32.). O potencial significado da expressão "Palavra de Deus" indica o Deus que se revela, o Deus que salva e que sai ao encontro do ser humano para obter dele uma resposta de fé At 6,7; At 13, 48**.**

A proclamação querigmática dos discípulos não se limita a pregar o Reino de Deus ou a palavra de Deus, mas concentra-se na proclamação da própria pessoa de Jesus Cristo, especificamente como crucificado, ressuscitado e exaltado, Messias e Senhor, presente na comunidade de seus seguidores a ação e guia do Espírito Santo.

A referencia conjunta destes termos querigmáticos é um reflexo da pregação do próprio Jesus que proclama o reino e o significado da sua própria pessoa. Lucas coloca explicitamente de relevo estes pontos interpretando a sua maneira as implicações de Mc 10,29. Por isso, Pedro em seu discurso de Pentecostes, proclama solenemente "a este Jesus: Deus tem ressuscitado e constituído Senhor e Messias, a este Jesus a quem crucificastes At 2, 32.36. E também "O Deus de nossos pais " At 5, 30-31. Na mesma linha de Pedro, segue Paulo em sua proclamação sobre a pessoa de Jesus quando discute com os judeus At 17,2-3. Outras passagens At 3, 18-26; At 5, 42; At 8.55; At 9, 20; At 10, 36-43; At 1, 26-39 e especialmente At 11, 20: "anunciando-lhes o Senhor Jesus". A proclamação

apostólica chega a anunciar Jesus como o que Deus constituiu juiz dos vivos e dos mortos At 10,42.

Relacionado com a palavra apostólica que apresenta Jesus como intermediário da salvação de Deus oferecida a toda a humanidade, aparece no livro dos Atos 2,38; At 3; 6-16; At 4,1012.30; At 16; At 9, 14.27; At 10,43-48; At16,18. Como também At 4,17-18; At 5, 28-40.41[11].

As referências lucanas ao nome de Jesus se entende como expressão da pessoa de Jesus, faríamos uma série de novas matizações como a que o livro dos Atos apresentou o conteúdo da proclamação querigmática. Em qualquer caso, o que tem que pregar os discípulos em relação ao nome de Jesus, está enunciado no programa missionário que o Ressuscitado confiou aos seus apóstolos em Lc 24,47. A formulação está repleta de termos tipicamente lucanos.

As fórmulas de Lucas "proclamar o Senhor Jesus" e "falar e ensinar em nome de Jesus" expressam seu modo característico de apresentar a expressão do "acontecimento Cristo[12]".

Tendo apresentado o aspecto do conteúdo querigmático na mensagem dos discípulos de Jesus, de modo específico, trataremos da colaboração lucana quanto a formulação do querigma enquanto conteúdo proclamado. A partir da convergência das fontes por Lucas consultadas e das demais proclamações querigmáticas no Novo Testamento, é complexo

[11] De acordo com Fitzmyer, como substrato da frase lucana: "em nome de Jesus" se pode pensar no uso veterotestamentário de sem (nome); por exemplo, Jl 3,5 citado em At 2,21. Igualmente se pode ver em uma conotação de afetividade dinâmica que o A.T. atribui ao nome, especialmente ao nome da divindade. Na terminologia mais antiga, sobretudo, antes da ideia de "pessoa" chegar a ter cidadania na história das ideias, o "nome" era a forma mais frequente de referir-se ao que ulteriormente se cristalizou como "indivíduo", "pessoa" ou "personalidade". O próprio livro dos atos alude a esta prática comum ao falar de grupos numerosos de pessoa At, 1,15. (FITZMYER, 1986, p 264)

[12] Sobre o termo "acontecimento Cristo" Fitzmyier se refere a maneira própria de falar característica do século XX, se referindo ao significado complexo da pessoa, ministério público, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, para levar a cabo a salvação ao gênero humano. (FITZMYER, 1968,p265).

fazer uma precisa distinção da precisa formulação lucana do querigma, distinguindo da formulação querigmática dos discípulos especificamente.

Fitzmyer, buscando distinguir a proclamação querigmática dos discípulos de Jesus e de Lucas, se reporta aos estudos exegéticos de C.H. Dodd[13] especificamente concentrado em sua obra The Apostolic Preaching and Its development, Londres 1936 p 13. O trabalho de Dodd foi tentar distinguir os elementos querigmáticos que pertencem aos discípulos, a Paulo e a Lucas. Quanto a Paulo, o mesmo encontrou fragmentos do querigma primitivo em 1Ts 1, 9-10; Gl 1,4; Gl 3.1; 1 Cor15,3-5; 2Cor 4,4; Rm 1, 3-4; Rm 2, 16; Rm8, 31-34; Rm 10, 8-9. Com estes dados, Dodd fez uma síntese do querígma paulino e se resume nos seguintes termos: o querigma segundo Paulo consiste na proclamação dos atos históricos: como a morte e a ressurreição de Cristo, em um contexto escatológico que é o que dá sentido aos atos. Estes acontecimentos fundamentais marcam a transmissão entre esta época e a era futura. Esta ultima é a etapa do cumprimento porque manifesta o verdadeiro alcance da afirmação: Cristo morreu e ressuscitou segundo as escrituras .

De igual modo sintetizou Dodd o querígma transmitido no decorrer do livro dos Atos dos Apóstolos. De acordo com ele, há três pontos que o querígma do livro dos Atos se distingue do querígma paulino: primeiro a proclamação querigmática do livro dos Atos não atribui a Jesus o título de "Filho de Deus", como Paulo sempre enfatiza em Rm 1,3-4; segundo, não é dito no livro dos Atos que Cristo morreu por nossos pecados, tal frase é tipicamente paulina 1 Cor 15,3; terceiro, o querigma do livro dos Atos omite toda referência a intercessão de Cristo glorificado, idéia elaborada por Paulo em Rm 8,34.

[13] Charles Harold Dodd (1884-1973) erudito do N.T. e teólogo inglês, graduado em Oxford, ministro da Igreja Congregacional, conferencista e catedrático em Oxford, Manchester e Cambridge. Suas contribuições para o estudo do N.T. são de incalculável valor. Dodd descobre um "núcleo" ou "essência" comum a todos os escritos apostólicos que é constituinte do próprio evangelho, que denomina "querigma". (GONZÁLEZ,2008,p.223).

Dodd, segundo a interpretação de Fitzmyer, pensava que esses fragmentos querigmáticos do livro dos Atos poderiam ser considerados como parte do "querigma de Jerusalém", considerando que, a proclamação primitiva é portanto pré-lucana. Aqui está o ponto controverso da tese de Dodd. Muitos pesquisadores questionaram esta afirmação de Dodd que argumenta que essa sistematização querigmática reflete o esquema geral do evangelho segundo Marcos. Os críticos modernos pensam que o querigma de Atos nada mais é que a reprodução da própria organização lucana dos materiais evangélicos, quer dizer, o primeiro volume da obra de Lucas[14].

Não faremos aqui uma análise detalhada desta questão, pois o objetivo não é analisar a exegese de Dodd, mas perceber a sua contribuição para esse tema que estamos estudando. Porém, não se pode negar que algumas passagens do livro dos Atos que Dodd considera como querima pré-lucano, tem uma formulação típica de Lucas. Por outra parte, é muito longe de ser evidente que o discurso de Pedro e de Paulo tenham que ser atribuídos integralmente a pura composição lucana. Fitzmyer não corrobora com os argumentos de Dodd em dizer que o material querigmático de Atos é uma composição pré-lucana[15].

Temos que admitir que os elementos individuados por Dodd representam a pregação cristã da época de Lucas. Todavia, devemos prestar atenção ao fenômeno de semelhança substancial entre o que se proclama no livro dos Atos e o que normalmente se considera como querigma paulino. O que Fitzmyer conclui é que o conteúdo do querígma

[14] Para aprofundar esta questão, indica-se as seguintes obras: Die Missionsreden der Apostelgeschichte: Form und traditionsgeschichtliche Untersuchungen (Neukirchem 1961); J. dupont, Études sur les Aces des Aôtres. Paris, 1967. p 133-155. C.f. Evans, The Kerygma: JTS 7. 1956 p. 25-41.

[15] A aqueles que preferem considerar passagens como prelucanos não mais do que transpor o parágrafo anterior, como um dos aspectos temáticos de mesajem dos discípulos. Essa atitude só iria confirmar a minha tese sobre a presença de um kerigma verdadeiro nos escritos de Lucas; Com efeito, neste caso, mesmo com um componente pré – Lucano (FITZMYER, 1968, p. 268).

lucano resulta extraordinariamente semelhante ao proclamado por Paulo com que tantas vezes se tem comparado e quase sempre em torno pejorativo. Essa comparação do querigma lucano e a apresentação querigmatica paulina tem cingido demasiado o aspecto puramente material a custa da interpelação direta que o querígma tem fora da obra lucana. Porém, devemos reconhecer nossas reflexões tem se concentrado no aspecto temático do querígma. Nesse sentido, as coincidências superam as divergências.

> Os dois, Paulo e Lucas, cada um ao seu modo, falam de uma nova era, de uma nova etapa de cumprimento, quer dizer, do escatón. Ambos apresentam Jesus como o agente e o intermediário desta salvação escatológica e como o juiz dos vivos e dos mortos (Cf Rm ,16; Rm14,10; AT 2, 19-21; At 10, 41). É verdade que Lucas tem suavizado o aspecto escatológico mediante sua perspectiva histórica, mas não por isso tenha negado as capacidade inatas do querigma para interpelar o cristianismo comprometido com sua fé. (FITZMYER, 1968, p. 269).

Para Fitzmyer, Lucas não apresenta um querigma puramente abstrato, nem uma espécie de discurso insípido, muito menos uma massa de dados da tradição. Todos os elementos estão perfeitamente integrados em sua narração do acontecimento Cristo. O evangelho segundo Lucas não é mais do que a primeira parte de sua obra narrativa; é o que ele tem herdado da tradição evangélica, que ele tem dado forma da maneira que lhe parecia mais adequada: um relato que se pode captar imediatamente a atuação salvífica de Deus em Cristo.

Com esta reflexão, percorremos paulatinamente a obra lucana, na percepção da construção do querígma e de sua relevância para os nossos dias. Compreendemos que o esquema da apresentação lucana do querigma como ato de proclamação e conteúdo proclamado é uma estratégia para que a Igreja, em tempos de mudança de época, possa retomar o tema da evangelização e formular novas práxis no campo da missão, tendo como ponto central o evento Cristo.

Referências

BETZ, Otto. The Kerygma of Luke. In: **Interpretation. A Jornal of Bible and Theology**. April, 1968, P. 131-146.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BROW, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Ed Vida Nova, 1985.

BROWN, Raymond E. **Introdução ao novo testamento**. São Paulo: Paulinas,2012.

BULTMANN,Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Sandro André –SP: Academia Cristã, 2008.

CASALEGNO, Alberto. **Lucas a caminho com Jesus missionário**. São Paulo: Loyola, 2009.

CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo.** Santo André: Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2012.

FITZMYER, Joseph A. **El Evangelio Segun Luca.** Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986.

GEORGE. A. **Leitura do Evangelho de Lucas.** Coleção cadernos bíblicos 13. São Paulo: Paulinas, 1982.

GONZÁLEZ,Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. São Paulo Hagnos, 2008.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Ave Maria, 2000.

SCHMID, Josef. **El Evangelho según San Lucas**. Barcelona: Herder, 1968.